

UMA NOVA ESPÉCIE BRASILEIRA DE *TROPIDURUS* COM CRISTA DORSAL (SAURIA, IGUANIDAE)

M. T. RODRIGUES

ABSTRACT

Tropidurus amathites, sp. n., was found in patches of white sands with scattered clumps of vegetation at Santo Inácio, Bahia (11°06'S, 42°44'W). Morphologically it resembles *T. nanuzae*, from rocky montane habitats, from which it differs in color pattern and by having the auricular scales fused (well defined in *nanuzae*), 49-71 scales on the middorsal crest (38-51), 23-30 fourth toe lamellae (15-22) and 16-20 fourth finger lamellae (9-16).

INTRODUÇÃO

Os pesquisadores e estudantes da área de Sistemática Vegetal do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo estão realizando um levantamento florístico da Serra do Espinhaço. O trabalho prevê uma série de viagens de coleta às regiões dos chamados campos rupestres; um tipo peculiar de vegetação aberta, geralmente encontrado nas áreas de afloramentos rochosos situadas por volta e acima dos 1.000 metros de altitude (Joly, 1970; Vanzolini, 1982). Graças à colaboração dos responsáveis pelo projeto, Dra. Ana Maria Giulietti e Dra. Nanuza Luiza de Menezes, em fins de 1980 tive a oportunidade de acompanhar o grupo em uma expedição ao Estado da Bahia. Uma das localidades trabalhadas foi Santo Inácio, na porção setentrional da Serra do Espinhaço. Ali coletei um pequeno *Tropidurus* que me parece novo e, por ter sido encontrado na areia, descrevo como:

Tropidurus amathites, sp. n. (fig.)

Holótipo: MZUSP 56250, ♂, Brasil: Bahia: Santo Inácio, 2.xii.80, M. T. Rodrigues col., número de campo 80.1785.

Parátipos: MZUSP 56251-56265, 2-3.xii.80. Todos da mesma localidade que o holótipo.

DIAGNOSE

Tropidurus pequeno, com escamas dorsais carenadas e imbricadas, crista dorsal presente. Margem anterior do ouvido com uma placa auricular cobrindo

praticamente toda a metade superior da abertura tendo de cada lado uma pequena escama acicular. Dobra gular ausente. Garganta negra no macho adulto; branca com pontuação negra irregular na fêmea e no jovem. Face ventral das coxas e aba anal amarelo-ouro no macho adulto.

DESCRIÇÃO

Rostral ampla, muito mais larga do que alta, separada da nasal. Escamas do topo da cabeça poligonais, lisas, achatadas, irregularmente imbricadas. Supra-oculares da fileira interna lisas, achatadas, imbricadas, mais largas do que longas; as demais diminuem de tamanho na direção do supercílio. Superciliares muito longas, lisas e fortemente imbricadas. Occipital irregular, marginada lateralmente por escamas iguais às do topo da cabeça e posteriormente por escamas semelhantes às dorsais, porém lisas e menores.

Canthus rostralis reto, formado por uma cantal longa e angulosa. Narina arredondada, situada na porção posterior da nasal, que é pentagonal e entumescida. Duas a quatro fileiras de loreais irregularmente carenadas. Subocular longa, com quilha bem marcada na porção superior; entre ela e a cantal uma escama menor, igualmente carenada, podendo estar fundida à subocular. Sete a nove supralabiais, as quatro ou cinco primeiras muito maiores que as demais. Cinco a sete infralabiais.

Temporais carenadas, com mucro pouco acentuado, menores que as dorsais.

Margem anterior do ouvido com três escamas aciculares, a central muito maior que as adjacentes, cobrindo praticamente toda a metade superior da abertura.

Sinfisal pequena, menor que a rostral; seguida por três pares de postsinfisais divergentes e lisos, distintamente maiores que as escamas que os marginam. Gulares anteriores lisas e imbricadas, adquirindo quilhas e mucro na região média da garganta; 27 a 35 entre a sinfisal e o nível da margem anterior da raiz do braço.

Os lados do pescoço são cobertos por escamas menores que as dorsais e alojam, no interior de uma dobra, uma bolsa oblíqua revestida por grânulos, seguida de perto por uma forte prega antehumeral igualmente revestida.

Dorsais carenadas, imbricadas e mucronadas. Crista dorsal formada por escamas muito aumentadas no macho, apenas ligeiramente maiores que as dorsais na fêmea. Quarenta e nove a 71 escamas na crista e 66 a 80 dorsais, contadas entre a occipital e o nível da margem posterior da raiz da coxa. Cinquenta e sete a 67 escamas ao redor do meio do tronco.

Ventrais lisas; dispostas em 40 a 50 fileiras entre a margem posterior da raiz do braço e a anterior da raiz da coxa.

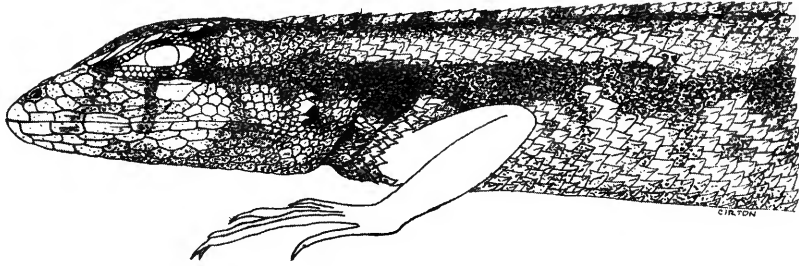
Parte dorsal dos membros com escamas iguais às dorsais; na parte ventral do braço, antebraço e perna elas são menores. Face ventral da coxa com escamas lisas, arredondadas. Região axilar e inguinal com escamas bem diferenciadas. Lamelas infradigitais tricarínadas; 16 a 20 no 4.º dedo, 23 a 30 no 4.º artelho.

Escamas das porções dorsal e laterais da cauda intacta fortemente mucronadas e maiores que as dorsais no terço anterior, diminuindo de tamanho e se tornando mais longas à medida que se aproximam da extremidade. Na face inferior elas são lisas ou levemente carenadas próximo à base, passando então a apresentar quilhas acentuadas.

Partes dorsais do corpo e da cauda castanho-claras no macho adulto, cinzentas na fêmea e no jovem. Do nível do braço à base da cauda há uma série



Tropidurus amathites, holótipo.



Tropidurus amathites, holótipo.

mediodorsal de malhas transversais castanho-escuras. Uma faixa dorso-lateral amarela parte do olho e se estende pelo terço anterior do corpo; após esta região ela se dilui no colorido de fundo. Abaixo dela, entre a raiz do braço e a base da cauda, corre uma faixa castanho-escura de contorno sinuoso ocupando 4 a 7 escamas em largura. Em toda a região dorsal do corpo existem pontos amarelos (brancos no animal preservado) espalhados de modo irregular.

Sobre as supraoculares há duas pequenas manchas simétricas castanho-escuras. Garganta negra no macho adulto; branca com pontuação negra na fêmea e no jovem. Lados do pescoço negros, com colorido mais intenso na fêmea.

Ventre e face ventral da cauda brancos, sem manchas.

Face dorsal dos membros castanho-claro com pontuação amarela. Face ventral com o colorido do ventre, exceto no macho adulto, em que a aba anal e a coxa são amarelo-ouro.

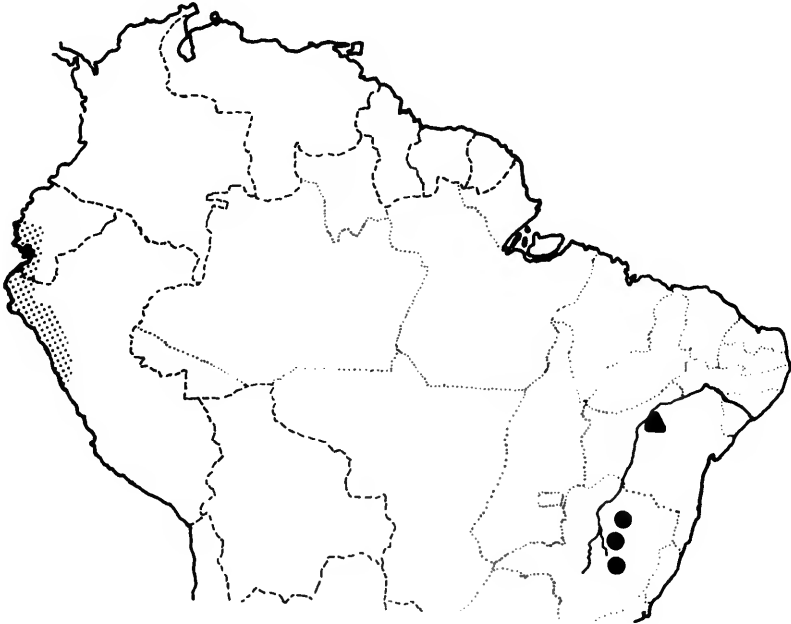
Embora o padrão predominante seja este, algumas fêmeas são pardas e podem apresentar faixas e malhas dorsais pouco marcadas.

DISCUSSÃO

Na América do Sul continental ocorrem seis espécies do gênero *Tropidurus* com escamas dorsais carenadas e imbricadas e com crista dorsal: *T. melanopleurus*, *T. spinulosus*, *T. nanuzae*, *T. occipitalis*, *T. koepekeorum* e *T. stolzmannii*. Entre elas, a que, morfologicamente, mais se aproxima de *Tropidurus amathites* é *T. nanuzae*.

Ambos são muito similares em escamação e tamanho; o maior comprimento corporal conhecido para *nanuzae* é 60 mm, para *amathites* 68 mm. Os caracteres foliódóticos mais úteis para separá-los são: (i) o número de escamas da crista dorsal, 49 a 71 em *amathites* (38 a 51 em *nanuzae*); (ii) as lamelas do 4.º artelho, 23 a 30 (16 a 20) e (iii) as lamelas do 4.º dedo, 15 a 22 (9-16); respectivamente. A escamação da margem anterior do ouvido também é diagnóstica; em *nanuzae* há uma franja bem definida, formada por pequenas escamas aciculares subiguais; em *amathites* estas escamas se encontram em sua maioria fundidas, formando uma placa que cobre praticamente toda a metade superior da abertura, somente marginada superior e inferiormente por uma pequena escama acicular.

T. nanuzae é conhecido dos campos rupestres da Serra do Espinhaço, desde a Serra do Cipó, seu limite sul de ocorrência (Rodrigues, 1981) até 12 quilômetros ao sul de Barrocão (material na coleção deste Museu), situada, em linha reta, aproximadamente 300 quilômetros ao norte. Nesta área ele foi coletado em várias localidades, dos 1000 aos 1450 metros de altitude, sempre sobre rochas. *T. amathites*, como será visto abaixo, só foi encontrado na areia. O mapa mostra a distribuição das duas formas.



Mapa 1. Distribuição aproximada de *Tropidurus nanuzae* (círculos) *Tropidurus amathites* (triângulo) e das espécies do grupo *occipitalis* (área pontuada). Os extremos de distribuição de *nanuzae* estão citados no texto, o registro intermediário representa as seguintes localidades nos arredores de Diamantina: Sopa (18°12'S, 43°43'W), Mendanha (18°06'S, 43°30'W), Conselheiro Mata (18°17'S, 43°59'W), Extração (18°17'S, 43°32'W).

Tropidurus spinulosus e *T. melanopleurus* já foram comparados anteriormente com *T. nanuzae* (Rodrigues, 1981). Apesar de serem as formas geograficamente mais próximas deste último, várias diferenças em contagens de escamas e na disposição das "bolsas de acarianos", mostraram que não há relação próxima de parentesco entre eles. Sendo *nanuzae* e *amathites* formas próximas, não há necessidade de repetir esses argumentos.

As outras três espécies, *T. occipitalis*, *T. koepckeorum* e *T. stolzmanni* foram reunidas por Dixon & Wright (1975) no grupo *occipitalis*; elas são transandinas e podem, em conjunto, ser comparadas com o par cisandino *amathites-nanuzae*.

Não há, entre estas cinco espécies, diferenças afetando a posição das "bolsas de acarianos": todas possuem uma bolsa revestida por grânulos no lado do pescoço e uma dobra antehumeral bem marcada. Embora o grupo *occipitalis* enfeixe formas de comprimento corporal muito distinto, *Tropidurus occipitalis*, a menor espécie do trio transandino, aproxima-se muito de *nanuzae*, não só em tamanho, mas também em escamação e no padrão de colorido.

No entanto, duas diferenças parecem importantes. *T. amathites* e *T. nanuzae* possuem uma única escama cantal; as formas continentais do grupo *occipitalis*, duas. O macho adulto de *amathites* e de *nanuzae* apresenta uma coloração amarelo-ouro muito peculiar na região preanal e na face ventral das coxas, idêntica em posição à coloração negra encontrada no macho adulto das espécies do grupo *torquatus*. Nos espécimes das formas do grupo *occipitalis* examinados este caráter não foi encontrado e, a julgar pelas notas detalhadas de coloração dadas por Dixon & Wright (1975), ele não ocorre também nos animais vivos.

A distribuição geográfica das diferenças encontradas nestes dois caracteres já indica que muito possivelmente estamos tratando com dois grupos de espécies amplamente alopátricos: o par *amathites-nanuzae* a leste dos Andes, nas montanhas da Serra do Espinhaço e as três espécies do grupo *occipitalis* na região transandina.

ECOLOGIA

A Serra do Espinhaço estende-se a leste do vale do Rio São Francisco, desde Ouro Preto até o norte da Bahia. Ao longo de um percurso de aproximadamente 1000 quilômetros, ela serve de divisor de águas entre a bacia do São Francisco e as dos rios que drenam para o Atlântico. Santo Inácio está situada na sua porção setentrional, a 480 metros de altitude, próximo da base da encosta ocidental de um conjunto de montanhas conhecido como Serra do Assuruá (Pinto, 1894). A fisionomia local da paisagem é marcada por extensos afloramentos de quartzitos e conglomerados (Bruni et al., 1974) diaclasados e fortemente erodidos, contrastando muito com a planície aluvial do São Francisco, coberta por caatingas, que se estende para oeste a partir do sopé da serra. O tipo de vegetação encontrado nos arredores da cidade é muito complexo. Embora possuindo alguns elementos característicos dos chamados campos rupestres (especialmente Velloziaceae), sofre, como área de transição, influências consideráveis das caatingas adjacentes. Sobre as rochas, as famílias predominantes são Leguminosae, Cactaceae, Euphorbiaceae, Apocynaceae e Velloziaceae. Em certos locais, os afloramentos se encontram cobertos por areias brancas, formando manchas de área variável. Nesses solos arenosos, a cobertura vegetal compreende principalmente Velloziaceae, Cyperaceae, Turneraeae, Gramineae, Eriocaulaceae, Myrtaceae e Leguminosae (Mimosoidae), geralmente agrupadas em touceiras, separadas por espaços de areia nua. Também se encontram aí árvores isoladas de uma gútfera (*Kielmeyera* sp.).

Foi neste habitat de solos arenosos que *Tropidurus amathites* foi encontrado, dos 480 aos 600 metros de altitude. Os 16 espécimes coletados foram localizados entre as 8 e 10 horas, na areia nua onde se aqueciam. À aproximação todos procuraram abrigo nas moitas de vegetação. Em dois dias de coleta a espécie não foi observada sobre rochas, onde são muito comuns e encontradas sintopicamente duas formas de *Tropidurus* do grupo *torquatus*, (frequentemente vistos também na areia adjacente) e uma de *Platynotus* que, devido a seu padrão de colorido, não pode ser seguramente identificada como *semitaeniatus*.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado durante o período de vigência de uma bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo n.º 04-80/0109. N.L. Menezes, I. Cordeiro, A. Furlan e J. R. Pirani me auxiliaram no trabalho de campo e determinaram as famílias de plantas citadas aqui. J. L. Figueiredo e R. R. Spieker discutiram as várias fases do manuscrito, contribuindo muito para a sua melhoria. P. E. Vanzolini reviu e criticou pacientemente todas as etapas do trabalho. Tive o privilégio de discutir parte deste estudo com o Dr. E. E. Williams, e fico muito grato a ele por isso. Os desenhos são de autoria de Cirton Genaro.

REFERÊNCIAS

- Bruni, M. A. L., J. T. Almeida & E. C. Bruni, 1974. Carta Geológica do Brasil ao Milionésimo — Folha Rio São Francisco (SC-23). 56 p., 1 mapa. Ministério das Minas e Energia. Depart. Nac. Prod. Mineral, Brasília.
- Dixon, J. R. & J. N. Wright, 1975. A review of the lizards of the iguanid genus *Tropidurus* in Peru. Nat. Hist. Mus. Los Angeles Co. Contrib. Sci. 271: 39 p.
- Joly, A. B., 1970. Conheça a vegetação brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-Polígono. xvi + 165 p.
- Pinto, A. M., 1894. Apontamentos para o dicionário geográfico do Brasil: Vol. 1 (A-E): xvii + 741 p. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Rodrigues, M. T., 1981. Uma nova espécie de *Tropidurus* do Brasil (Sauria, Iguanidae). Papéis Avulsos Zool., S. Paulo, 34 (13):145-149.
- Vanzolini, P.E., 1982. A new *Gymnodactylus* from Minas Gerais, Brasil, with remarks on the genus, on the area and on montane endemisms in Brasil (Sauria, Gekkonidae). Papéis Avulsos Zool., S. Paulo 34 (29):403-413.

